

A imigração alemã e a concepção de trabalho no Vale dos Sinos

Déborah Kuntze Cassel

deborah@ienh.g12.br

Pedagoga graduada pelo Centro Universitário Feevale, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica pela Universidade La Salle/Canoas, pós-graduanda em Gestão de Recursos Humanos do Centro Universitário Feevale e diretora da Unidade de Ensino Pindorama, da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo.

Gabriela Schmidt Moreira

rh@gruposinos.com.br

Psicóloga graduada pela Unisinos, pós-graduanda em Gestão de Recursos Humanos do Centro Universitário Feevale e gerente de Recursos Humanos no Jornal NH, do Grupo Editorial Sinos

Denise Macedo Ziliotto

dmziliotto@feevale.br

Psicóloga e jornalista, doutoranda em Psicologia Social pela USP; professora em cursos de graduação e pós-graduação no Centro Universitário Feevale.

Resumo

A partir de elementos históricos da imigração alemã no Vale do Rio dos Sinos a partir de 1824, busca-se o entendimento da concepção de trabalho presente nesta cultura, pois, verifica-se importante ressonância destas idéias nos valores e conceitos da sociedade ainda hoje. A discriminação social vivida pelos desempregados e o juízo comum de que é incapaz ou pouco esforçado aquele que não consegue emprego são situações que evidenciam a complexidade desta temática. A pesquisa bibliográfica analisa relatos históricos, a situação do trabalho no contexto mundial e pontua os reflexos da crise do emprego na região do Vale do Rio dos Sinos. O elevado número de falências, dissolução e compra de empresas é um movimento constante desde 1996, quando da primeira crise enfrentada pelo setor calçadista – principal economia da região – causando aumento do desemprego e mudanças nas condições sociais dos trabalhadores. A forte influência da religião luterana, que prega a dignidade do ser humano através do labor, é abordada ampliando a compreensão da questão do valor do trabalho. A presença da religiosidade se faz sentir, também de forma marcante, na educação e no exercício da política, dimensões culturais que também interagem e constroem a dimensão do trabalhar na sociedade.

Palavras-chave: imigração alemã – concepção de trabalho – desemprego – Vale dos Sinos

Abstract

Through elements of German Immigrants history that arrived in Rio dos Sinos Valley since 1824 it is tried to understand the conception brought by them. Their ideas, beliefs and concepts are still seen as important in the society nowadays. Social discrimination lived by unemployed and the common judgment that sees as incapable or not very diligent all those who cannot get a job, are situations that show the complexity of this matter. The bibliographic research analysis historic reports, the situation of labor in the world and highlights the reflexes of the crisis in the working market at Rio dos Sinos Valley. The high number of bankruptcy, the dissolution or buying of companies is a constant flow since 1996, when the first crisis faced by the sector, caused an increasing unemployment and changes in the social conditions of the workers. The strong influence of the Lutheran Religion, which preaches dignity of the human being throughout labor, is broached as a way to widen the comprehension of the value. The presence of religiosity is felt, and it is remarkable in education and politics. Cultural dimensions interact and build importance of working in society.

Keywords: german Immigration – labor concepts – unemployment – Rio dos Sinos Valley.

Introdução

A apresentação de aspectos culturais advindos dos imigrantes alemães, a partir de 1824, mais precisamente no Vale do Rio dos Sinos, e a implicação destes na concepção de trabalho e na experiência de discriminação sofrida pelas pessoas desempregadas é o intuito deste texto. Através dos valores, princípios e fundamentos religiosos luteranos do povo germânico, também é possível estudar os conceitos acerca do trabalhar que constroem, ao longo dos tempos, mas dos quais nem sempre se tem a compreensão de sua origem e contexto histórico.

Portanto, o propósito é investigar o legado da imigração alemã, sua especial dedicação ao trabalho e a influência desta categoria diante do fenômeno do desemprego, experiência bastante presente na região em função da instabilidade do mercado e das políticas econômicas que afetam o setor coureiro-calçadista, principal economia da região. Estar desempregado, neste contexto social, pode significar insucesso diante da saga dos imigrantes alemães que abandonaram sua terra, seus parentes, seus amigos e sua cultura na busca desesperada de um mundo melhor com trabalho e dignidade.

O contexto histórico e a vinda dos imigrantes para o Brasil

Na primeira metade do século XIX, a Alemanha era um conglomerado de pequenos principados e ducados, sob uma certa liderança da Prússia que tentava organizar-se após as guerras napoleônicas, iniciando a reforma agrária, com o objetivo de libertar camponeses dos trabalhos obrigatórios e gratuitos para os seus senhores.

Os camponeses não mais dependiam dos nobres, mas estavam endividados por taxas e impostos, os soldados desativados e os artesãos – ferreiros, marceneiros, sapateiros – ameaçados pela industrialização, temiam a degradação e o desemprego. Previam-se igualdade política, segurança econômica e social aos camponeses, artesãos e outros trabalhadores, através do trabalho remunerado, mas nada disso aconteceu: de maneira miserável, milhares de alemães embarcam para os Estados Unidos da América e outros tantos para o Brasil, em 1824 e nos anos seguintes, com a promessa de receberem terras e terem trabalho garantido.

Dois anos antes, o Brasil havia declarado sua independência e por motivos econômicos, políticos e de segurança nacional, abriu suas portas à emigração europeia, não portuguesa, reforçada pelas dificul-

dades encontradas na resistência dos índios ao trabalho no formato europeu e às revoltas dos escravos, em função da condição de vida imposta a eles.

Necessidades diferentes unem os dois países. Alemanha precisando encaminhar seu povo para terras onde houvesse o trabalho, pois além das condições acima citadas do pós-guerra, também vivia uma explosão demográfica, elevando a população de dez milhões de habitantes para dezenove milhões entre os anos de 1815 e 1849. O Brasil, por sua vez, necessitava povoar seu território “para garantir a posse do Rio Grande do Sul, era urgente povoar essas regiões quase desabitadas, com colonos e soldados, onde sempre temiam invasões da região do Prata”, conforme Sarlet (1993, p.13),

Os primeiros imigrantes alemães, motivados pelas promessas de trabalho e vida digna para suas famílias, foram recrutados pelo polêmico Major Jorge Antonio Von Schäffer, que não deixara clara a situação do país e suas respectivas condições. Vieram inicialmente de Hannover, Hessen-Darmstadt, e mais tarde da região do Hunsrück, onde a religião predominante era a evangélica luterana. Sarlet (1993) afirma que

[...] a possibilidade de realizar o sonho de tornar-se proprietário de um pedaço de terra, de vir ser senhor de seus próprios meios de produção e usufruir dos resultados de seu trabalho, foi o que fez as pessoas optarem por um destino incerto num país totalmente desconhecido (p. 15).

Os imigrantes evangélicos foram instalados na margem direita do Rio dos Sinos, iniciando a história das comunidades de Campo Bom e Hamburger Berg (hoje Novo Hamburgo). Desbravaram as florestas, construíam a primeira habitação bem rústica e iniciaram o plantio entre as árvores abatidas.

A eles era proibido o culto da religião em templos. Não tinham o matrimônio civil no Brasil reconhecido e o religioso somente podia acontecer através de padres católicos, pois assim os filhos desta união não teriam direito aos bens da família. Também não lhes era permitido ser sepultado nem ser enterrado no mesmo cemitério dos católicos.

Muitos colonos mudavam constantemente de moradia entre as cidades, atualmente conhecidas como São Leopoldo e Dois Irmãos. Os historiadores atribuem esse fato à falta de raízes históricas numa terra tão distante e diferente da sua. Com a chegada das famílias Blauth e Schmitt, que fundaram o primeiro curture da região, por volta de 1830, os imigrantes começam a se organizar, construindo igrejas, escolas e cemitérios.

Apesar da frequência à escola não ser

obrigatoriedade geral na Alemanha, alguns imigrantes a tinham freqüentado, tendo como base curricular o ensino do francês, da língua materna, das quatro operações matemáticas básicas, das noções de geometria plana, da regra de três, das frações, dos conhecimentos práticos, como cuidados de quintais, pomares e agricultura, de economia doméstica e de algum ofício.

Percebe-se claramente na cultura germânica a ênfase ao trabalho, pelo destaque no currículo escolar e pelo imenso desejo de encontrar trabalho nestas terras tão distantes. As crianças, tanto na Alemanha quanto nas primeiras décadas da chegada no Brasil, nem sempre freqüentavam a escola, pois necessitavam trabalhar, cuidando do gado. Os meninos sabiam manejar o machado e a serra, e ajudar nas construções; as meninas sabiam fiar e costurar e conheciam os trabalhos domésticos. A vida na família e na escola desafiava a construção do saber de forma eficaz e prática.

Também na base da religião luterana encontram-se princípios que valorizam o trabalho, como o do 'servir'. O fundador da religião luterana, Martinho Lutero, afirmava que se o mundo amanhã se consumisse, ainda hoje ele plantaria uma macieira e pagaria suas dívidas (SARLET, 1993). Os seja, teria economias, supostamente alcançadas através do trabalho para não morrer como devedor. Desta forma presentificava-se o trabalho como fator de reconhecimento social para o imigrante alemão, que tem na sua religiosidade também o respaldo para tal condição.

E assim os imigrantes alemães se instalaram e aos poucos imprimiram sua marca cultural através do canto coral, do culto à religião luterana, da valorização do conhecimento, da união da família e do destaque ao trabalho como forma de libertação do sofrimento e humilhação vividos em sua terra natal.

Concepção de trabalho

A palavra trabalho tem sua origem no latim, *tripalium*, que significa instrumento de tortura composto de três paus. A idéia de sofrimento está presente em sua origem etimológica, mas passa também pelo sentido de esforço e lutar presente na ação do trabalhar. Refere-se à atividade humana aplicada à produção, à criação ou ao entretenimento, através do trabalho manual ou intelectual, sendo que o produto dessa atividade ou obra oportuniza uma condição de vida para as pessoas.

O conceito de trabalho elaborado por Adam Smith e desenvolvido por Marx, pensa-o como condição imanente à existência da espécie humana e, desde suas formas mais rudimentares, está relacionado com o desenvolvimento de técnicas e caracterizado pela divisão do trabalho (FRANCO, 1998). Era exercido de

forma coletivista e solidária nas sociedades tribais. Depois, com as peculiaridades próprias às diversas sociedades e épocas históricas, assumiu as formas de escravidão, servidão e trabalho assalariado. Enquanto no escravismo e no feudalismo o trabalho sofria uma coerção extra-econômica, sancionada pela lei, no capitalismo o trabalhador sofre uma coerção puramente econômica, pois é juridicamente livre para contratar com um empresário a venda da sua força de trabalho por um prazo determinado.

A origem histórica do capitalismo é problema controvertido entre os estudiosos, pois alguns negam a existência do capitalismo na Antiguidade Greco-romana, enquanto outros escrevem a história do capitalismo antigo. Pode-se afirmar que no século XVIII inicia o desenvolvimento de um capitalismo industrial que divide o trabalho em agrícola e industrial, cujo personagem principal é o empresário. Já no século XIX, assistiu-se à substituição do indivíduo pelo grupo através das sociedades anônimas, que permitiram a concentração dos meios de produção. É nessa transição mundial que os imigrantes alemães chegam ao Brasil, com grande expectativa de receber um pedaço de terra do governo brasileiro ou ser contratado para algum trabalho, pois a industrialização chegada na Europa tornou muitos desempregados. Os alemães luteranos tinham como preceito de dignidade humana e salvação espiritual, valores fortemente ligados ao trabalho contínuo e incansável, pois quando não estavam trabalhando no plantio, dedicavam-se aos cuidados domésticos. Nas escolas, tinham no seu currículo o ensino de algum ofício já muito cedo para as crianças.

A literatura consagra a definição de trabalhador como pessoa ativa, como encontramos em De Masi (1999), o que nos remete a pensar que o contrário de ativo está desativado ou é inativo, não tendo serventia, utilidade, sendo até mesmo desprezado; e, assim, o homem constrói sua identidade fortemente associada ao trabalho, regendo sua vida, necessidades, interesses, sentimentos, desejos e identidade na relação de empregado versus desempregado.

Partindo da idéia de que o trabalho tem uma significação central na vida social, é importante entendermos a diferença entre os conceitos de trabalho e emprego. Para Hartley (1980), emprego supõe recompensa financeira, contrato de trabalho e relação de troca. Assim, o trabalho pode ser efetuado no interior ou exterior da relação do emprego (p.16). Desta forma, o trabalho está ligado a qualquer atividade de transformação, mesmo que seja uma atividade não remunerada. Portanto, estar empregado significa estar inserido no mundo do trabalho.

O desemprego

No mundo capitalista, trabalho é instrumento para o acesso a bens materiais e simbólicos, já que as trocas sociais estão baseadas no aporte de capital, oportunizado justamente na atividade remunerada. Assim, o não trabalhar significa não possuir acesso à cultura e às condições de vida, passando a ser fator de exclusão social. Diz Castel (1995b) que quando se refere ao trabalho, não o toma como uma relação técnica de produção, mas como suporte privilegiado de inscrição social. O desemprego é tão somente a negação da remuneração do status do empregado. O trabalhador teme o desemprego, pois este representa a impossibilidade de criar vínculos e, principalmente, de ser estigmatizado socialmente por não conseguir sustentar a sua família.

Até o século XVIII, o termo desempregado não existia. Na Europa, falava-se de pobres, indigentes e mendigos para designar indivíduos que não podiam sobreviver senão com o suporte do seguro privado ou público, não se falava de falta de emprego e sim de recursos. No século XIX, surge a primeira noção de desemprego, na qual a ociosidade era tida como perigosa. O trabalho era um dever mais que um direito, isto é, quem não trabalhava era tido como delinqüente. As instituições públicas separavam o “pobre permanente” – mendigos e vagabundos – e os “pobres de ocasião” – os desempregados. O desempregado passou a ser um “pobre válido”, cujo direito ao trabalho era legitimado pela Revolução Industrial.

O interessante é que no Brasil Colônia não se pode afirmar que havia um mercado de trabalho; portanto, a situação do não-trabalho ainda não tinha a denominação de desemprego. Entretanto, expressões como livres, vadios e nacionais atribuíam ao desempregado da época uma expressão pejorativa. Percebe-se que o trabalho ainda concebe uma noção de sofrimento, no momento em que se denomina que trabalhadores livres são aqueles que estão livres do trabalho.

Com a diminuição do tráfico de escravos, a mão de obra escrava deixou de ser econômica. Diante disso, os senhores cafeicultores começaram a importar força de trabalho européia. A industrialização e a explosão populacional do século XIX na Europa deixou milhares de pessoas desempregadas.

A primeira definição de desemprego surgiu na Inglaterra, em 1925, numa Conferência Internacional sobre o Desemprego:

[...] o desemprego é a situação de todo o trabalhador que, podendo e querendo ocupar um emprego submetido a contrato de trabalho, encontra-se sem trabalho e na impossibilidade de, em consequência do estado do mercado de trabalho, ser ocupado num tal emprego (CONTE, 1995, p.100).

Em 1954, a concepção de desemprego é ampliada não somente pelo trabalhador, mas para todo o cidadão que esteja privado do trabalho ou que deseje trabalhar. Entretanto, atualmente, existem outros significados de desemprego que estão mais ligados à subjetividade, isto é, à formação da identidade de um desempregado. Nos dias de hoje, desde criança se aprende que o trabalho remunerado será a base da identidade profissional, pois o questionamento acerca do que você vai ser quando crescer enseja somente a dimensão profissional.

O trabalho alemão e o conceito de identidade

No século XIX, a industrialização e a explosão populacional deixaram milhares de pessoas desempregadas. Na Alemanha, a alternativa foi motivar a imigração para a América. Era uma situação boa para ambos: o governo alemão queria ocupar seus trabalhadores e o governo brasileiro tinha interesse em recebê-los por consistirem mão-de-obra barata, já que o tráfico de escravos estava diminuindo e se tornando caro. O Estado brasileiro queria usar a mão de obra alemã para confeccionar armas, roupas e mantimentos.

O interesse mútuo dos governantes alemães e brasileiros acabou transformando a imigração em um ótimo negócio, vendendo a imagem para os alemães com promessas de uma vida melhor e oportunidades de ganhar dinheiro. A esperança de fugir do desemprego da Europa e a promessa de uma terra de oportunidades alimentaram o sonho de muitos imigrantes de famílias simples. Foi na família que o imigrante alemão se sustentou para vencer na terra recém-chegada. As famílias eram grandes, com vários filhos, até porque sua subsistência dependia dessa mão de obra. No entanto, os dois primeiros anos foram terríveis para os colonos alemães, pois viam-se sem trabalho, pois não tinham sido designados seus devidos lotes coloniais para que os cultivasse: estavam vivendo na ociosidade.

Pressionando o governo, conseguiram seus lotes de terra, dedicando-se assim à agricultura de subsistência, baseados em produtos como chuchu, feijão e mandioca. O tempo era dividido entre a lavoura e o artesanato, em profissões como ferreiro, marceneiro, tecelão, entre outros. Considerando todas as dificuldades apontadas e o quanto foi conflituada a vinda dessas pessoas para o Brasil, é inevitável pensar contingências históricas e sociais e representação do trabalho para estes imigrantes.

Para ampliar a elucidação desta questão, analisa-se também a dimensão subjetiva, apontando a

postulação de Freud (1921) acerca do trabalho. Para o autor, pode-se concebê-lo em quatro vias: trabalho social, que pode em alguns casos não virar sustento, e em outras tê-lo como sua própria razão de ser; trabalho como atividade não pessoal no interior do aparelho psíquico; trabalho como produção inconsciente das formações do que dele se apresenta à consciência; (4) trabalho como movimento do subjetivo, partindo do que nele se agita até a sua estruturação psíquica. Neste estudo concebe-se o trabalho como atividade exercida por homens e mulheres na realidade histórica, atividade pela qual aqueles que a exercem inscrevem sua marca no mundo e expressam-se nele pela sua assinatura, abarcando o homem como ser eminentemente social.

No caso dos alemães, o trabalho tem essa significação muito presente, principalmente arraigada na questão religiosa. Lutero tem importância na conceituação do trabalho para os imigrantes. Na doutrina luterana, o trabalho dignifica o homem; o trabalho se dá na supressão do humor e da alegria na realização da tarefa, a favor da ênfase na disciplina aplicada ao ofício como dever moral. A dignidade fica ao lado de quem trabalha, ao contrário daqueles que não têm nenhuma ocupação e são vistos como vagabundos, incapazes de consideração, indignos.

Atualmente esta concepção ainda se evidencia. O desemprego é tido muitas vezes como uma doença, sendo que alguns autores falam até em síndrome do desemprego, pois essa situação atacaria diretamente a auto-estima do sujeito. Esta forma de analisar a realidade isola o indivíduo e o culpabiliza não levando em conta as questões sociais presentes nesta experiência. Sabe-se que a experiência do desemprego não é vivida da mesma forma por todos os indivíduos, mas a experiência tende a ser mais dramática para aquelas categorias que são socialmente discriminadas pela idade e falta de qualificação.

De certo modo, o desemprego é vivido como uma perda de referências, de identidade profissional, de relações afetivas, da condição de acesso à cultura. Como consequência pode-se assinalar o aumento da violência, depressão, crises psicológicas, insegurança, sentimentos de medo, vergonha e impotência. E estas repercussões são vividas pelos alemães que, ao chegarem ao Brasil, mais especificamente no Vale dos Sinos, depois de uma viagem difícil de navio, depararam-se num país estrangeiro, sem trabalho, isto é, sem referencial, sem dignidade. A importância do trabalho na nossa colonização é evidente e está bem ilustrada por Porto (1996)

São Leopoldo, que é célula rudimentária do trabalho alemão, em cujo solo caiu a primeira semente da mão provida do colono; e onde frutificou a primeira gota de seu suor, na fertilização da terra; São Leopoldo que os recebeu, como uma bênção que caía sobre os seus campos e as suas metas, que transformavam em scaras, em fontes incalculáveis de riqueza, devia-lhes essa consagração secular, que hoje recebem, desdobrando-se as páginas da sua história apontando os bons, os antigos, à reverência de todos os brasileiros, e ressaltando o seu trabalho que honra e dignifica o nome alemão no Rio Grande do Sul (p 93).

Conclusão

Na conjuntura da crise do trabalho, perder o emprego é perder o reconhecimento perante os outros, é ser descartável, desnecessário ao lucro, enfim, é viver a experiência de um ser um 'morto vivo'. O desemprego passa a ser o grande responsável pela impossibilidade da realização de desejos de consumo, de realização pessoal, de lugar social. A possibilidade de estar sujeito a um ciclo que tem início com o desemprego, que é provocador de sentimentos negativos, como a vergonha, manter-se numa postura de vítima, de acomodação, de auto-exclusão, causando um desgaste em longo prazo é algo que está posto para grande parte da população trabalhadora. Segundo Franco (1998),

[...] o tempo de desemprego, quando se prolonga pode ter a função de intensificação dos malefícios da síndrome, quando os indivíduos não conseguem superar o ciclo do desgaste. Entretanto, ele pode também ser o remédio para a crise do desemprego, considerando que o tempo pode curar todos os males, no sentido que ele serve de cenário para que as reações individuais e coletivas contra a crise presente (p.48).

Neste sentido, propõe-se que o desemprego possa inclusive ser um momento de reflexão do sujeito acerca do seu trabalho. A questão do trabalho não permeia apenas o *tripalium* -instrumento de torturas para a cultura alemã é mais do que isso, é fonte potencial de realização e desenvolvimento, de motivação e satisfação, um fator de socialização, de participação. Esse conceito está alicerçado fortemente na religião, na doutrina de Martinho Lutero, que ressalta a importância do trabalho na salvação do homem.

É sabido que nos campos de concentração, na Segunda Guerra Mundial, existia uma frase na entrada - *Arbeit macht frei* - e que significa 'O Trabalho Liberta'. Encerrada a guerra, os promotores do holocausto afirmaram que a frase era uma artimanha para enganar os detidos, destinados a serem assassinados. No entanto, a mensagem era exatamente esta: apenas quem trabalha será livre, será digno de ser livre e de ser respeitado. Todos os alemães daquela época precisavam e queriam trabalhar e o nível de desemprego

só aumentava. Por isso, muitos decidiram vir para o Brasil em busca de terras e novas oportunidades. Atravessam o oceano e se instalam no Brasil, em tempos difíceis, acompanhados pelo sofrimento, perdas, mas esperançosos quanto a encontrar trabalho. E diante da importância decisiva da identidade enquanto trabalhador é que este povo se estabelece numa terra desconhecida e oportunamente cedida. Estes antecedentes contribuem para a criação do estigma sobre o desemprego, especialmente forte na região do Vale do Rio dos Sinos

Atualmente salienta-se muito a importância da empregabilidade, que significa uma cobrança da sociedade aos indivíduos para que todos tenham um perfil de possíveis vencedores, como se isso fosse determinante do ser. A globalização ajudou a propagar o discurso da competência, da necessidade de requalificação e da construção de um perfil de um trabalhador que atenda às exigências dessa nova era. Certamente a globalização é um fato, que tem ocasionado crises e desemprego; contudo é importante defender a soberania nacional e o desenvolvimento do país e suas regiões.

Cresce significativamente o mercado informal, no qual o trabalhador fica desprotegido e sem benefícios sociais; porém, com uma renda que auxilia no orçamento familiar. Paradoxalmente ao aumento da tecnologia, a busca do lucro maior e a internacionalização da produção. Convivemos com a redução dos consumidores para utilizar-se dos benefícios decorrentes do progresso. A questão está em como sair deste paradoxo, garantindo a dignidade do trabalhador. Autores discutem o fim do emprego, apontando previsões relativas ao futuro, calcadas na prestação de serviços, aumento da marginalização, pobreza e conflitos.

Na região do Vale dos Sinos, assim como na maior parte do país, perder o emprego é perder o reconhecimento perante os outros, é ser descartável, desnecessário. E o que nós, enquanto cidadãos, fazemos para que essa visão seja modificada? Até que ponto contribuimos com essa “massa” que pensa e acredita que as pessoas hoje desempregadas são desocupadas por opção? Compartilha-se estes questionamentos para que se desnaturalize o julgamento recriminador perante o desempregado existente na região influenciada pela cultura alemã e luterana. Quem sabe daqui a alguns anos revise-se e mude este conceito de trabalho e estigma de desempregado, auxiliando na construção da identidade do trabalhador, independente de sua condição de empregado, afinal

A sociedade do desenvolvimento foi também uma sociedade do trabalho. A vida dos homens era construída em torno do trabalho [...]. Pode-se até mesmo dizer que a figura do homem trabalhador representou o ideal desta sociedade. Resta-nos perguntar: o que irá acontecer quando - para citar Hannah Arendt - à sociedade do trabalho, o próprio trabalho vir a faltar? (DE MASI, 1999, p. 102).

Referências bibliográficas

- CONTE, Augusto. **Discurso Preliminar sobre o Espírito Positivo**. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 1990.
- DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento sem trabalho**. São Paulo: Esfera, 1999.
- ENGELMANN, Erni Guilherme. **A saga dos alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo**. v.1. Porto Alegre: 2004.
- ENGELMANN, Fabiano (org). **Estudos em desenvolvimento regional: o Vale dos Sinos em perspectivas**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- FRANCO, Georgeton de Sousa. **Globalização e desemprego: mudanças nas relações de trabalho**. São Paulo: LTR, 1998.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão**. São Paulo: Imago, 1997.
- HATLEY, Derek J. **Estratégias para Especificação de Sistema em Tempo Real**. São Paulo: LTR, 1987.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MACIEL, José Alberto Couto. **Desempregado ou supérfluo?** São Paulo: LTR, 1998.
- PASTORE, José. **O desemprego tem cura?** São Paulo: Makron Books, 1998.
- PORTO, Aurélio. **O trabalho alemão no RS**. Porto Alegre: Gráfica Santa Terezinha, 1996.
- RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- SANTOS, João Bosco Feitosa dos. **O Averso da maldição de gênesis: a saga de quem não tem trabalho**. São Paulo: Anablume, 2000.
- SARLET, Érica. **Ainda hoje plantaria minha macieira**. Sinodal: São Leopoldo, 1993.
- SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.